

Educação na pandemia e no pós-pandemia

Isabel Alarcão¹

Resumo: Este texto apresenta a versão escrita da conferência proferida no I Congresso Internacional de Investigação e Experiência Educativa, realizado no Centro Universitário Adventista de São Paulo (Unasp) em 2020. Aborda a temática da educação no período da pandemia Covid-19 descrevendo como surgiu a doença, como se espalhou, como reagiram as pessoas e os governos, bem como os impactos na educação a nível mundial. Refere em seguida a opinião da autora sobre os fenômenos educativos e sociais que a pandemia pôs a descoberto e destaca o modo como as escolas e os professores souberam adaptar-se à nova realidade. Também comenta como será necessário agir no período pós-pandêmico, um período em que se espera uma grande aceleração das transformações que já eram sentidas no mundo e que exigem novas capacidades, novas competências e uma nova educação.

Palavras-chave: pandemia; educação; escola; adaptabilidade; solidariedade.

Education at the pandemic and at the post-pandemic

Abstract: This text presents the written version of the keynote presented at the 1st International Education Congress, held at São Paulo Adventist University College (Unasp) in 2020. It addresses the theme of education in the period of the pandemic Covid-19 describing how the disease arose, how it spread, how people and governments reacted and what are the impacts on education worldwide. The author expresses her opinion on the educational and social phenomena that the pandemic has uncovered and highlights the way in which schools and teachers have been able to adapt to the new reality. She comments on how it will be necessary to act in the post-pandemic period, a period in which we expect a great acceleration of the transformations that were already in course in the world and that demand new capacities, new skills and a new education.

¹ Possui mestrado pela universidade de Texas (Austin) e PhD em educação pela Universidade de Liverpool, no Reino Unido. Atuou como membro do Centro de Investigação Didáctica e Tecnologia na Formação de Formadores (CIDTFF) da Universidade de Aveiro, Portugal, e foi vice-reitora na mesma universidade. Atualmente é professora catedrática aposentada e tem título de doutora honoris causa pela Universidade de Aveiro. E-mail: ialarcao@ua.pt

Keywords: pandemic; education; school; adaptability; solidarity.

Ao ser convidada para proferir a sessão de abertura do I Congresso Internacional sobre Investigação e Experiência Educativa realizado no Centro Universitário Adventista de São Paulo (Unasp), campus Engenheiro Coelho, entre 25 e 27 de outubro de 2020, logo me ocorreu, como pertinente, um tema relacionado ao contexto atual, vivido intensamente por todos e com grandes reflexos na esfera educacional. Daí o título “A educação na pandemia e na pós-pandemia”.

Uma reflexão sobre esse tema torna-se particularmente relevante no estranho ano de 2020, em que o mundo foi violentamente assolado pela pandemia Covid-19 e tremeu nos seus alicerces, ora desabando, ora aguentando-se e até renovando-se. Em alguns aspectos reinventou-se, mas deixou a descoberto muitas fragilidades sanitárias, econômicas e sociais.

Um dos setores mais afetados foi o da educação, com inúmeras escolas sem aulas. Segundo dados da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), em 18 de março de 2020, mais de 850 milhões de estudantes do mundo, ou seja, metade da população foi afetada com o fechamento total de escolas e universidades em 102 países e fechamento parcial em 11 delas (UNESCO, [s.d.]).

Soluções alternativas e diferenciadas foram surgindo por todo o mundo, com maior ou menor êxito. Na época do congresso, assistia-se, em vários países, ao regresso às aulas e temia-se pelas consequências de uma maior proximidade. No momento em que escrevo este texto, a maior parte das escolas já estavam em funcionamento, com exigentes medidas de segurança para os gestores, professores e funcionários. Essas medidas correspondem a algo castrante e um pouco limitador nas relações sociais que retiram dos alunos, crianças e adolescentes os contextos de livre convívio tão necessários ao seu equilíbrio psíquico e desenvolvimento. Mas apesar dessas medidas, em muitos países (incluindo no meu) tiveram de tornar a fechar devido à terceira onda do maldito vírus.

O vírus chegou sem avisar

No final de 2019 começaram a chegar rumores vindos da China relativos a um vírus desconhecido e mortífero. Dos rumores passou-se às informações, algumas verdadeiras, outras falsas, muitas contraditórias e angustiantes pelo que já se conhecia e pelo que ainda se desconhecia. Além do fato de que se tratava de um vírus, pouco se sabia das suas características e os medicamentos existentes pouco pareciam servir. Os governantes reagiam de modos diferentes, uns desvalorizando e outros atuando de acordo com as orientações da Organização Mundial da Saúde (OMS), também inquietas perante o novo vírus, que viria a chamar-se Sars CoV-2. Alguns opinavam ser mais acertado deixar o vírus se espalhar, pois isso conduziria a um estado de imunidade de grupo. Considerando que esse

processo implicaria um número muito elevado de mortos, outros optavam por confinar pessoas e territórios para impedir que o vírus se espalhasse.

Mas, afinal, o que é um vírus? E que vírus é esse?

Até recentemente só algumas pessoas sabiam a diferença entre vírus e bactérias, entre crescimento linear e crescimento exponencial, mas hoje são conceitos que passaram a fazer parte da vida cotidiana. Sempre, mas especialmente na situação em que vivemos, é muito importante estarmos informados e dominarmos conceitos referenciais interpretativos. Não só para estarmos informados, mas também para podermos informar aos outros. E, no caso dos educadores, essa necessidade de informar corretamente é fundamental. Pensando nessa necessidade, um dos meus colegas, o professor Carlos Fernandes da Silva, construiu um texto destinado a explicar às crianças e jovens (e também aos adultos, como ele próprio diz) o que é um vírus. O texto é tão interessante que não posso deixar de o referir e aqui deixo o link de acesso, recomendando vivamente a sua leitura integral.²

Permita-me que deixe uma dica de leitura. Ao lê-lo, procure prestar atenção aos seguintes aspectos: (a) a pertinência da informação (no contexto de março de 2020), (b) a atitude de divulgação do saber acadêmico junto do grande público (de forma simplificada, mas cientificamente rigorosa); e (c) a capacidade de comunicação didática (adaptada ao público-alvo).

Nesse texto magnífico, muito bem articulado, o autor explica, com enorme clareza e força motivacional, a relação entre o vírus e as células, a dimensão de cada um, o modo como o vírus ataca as células, se introduz nelas, substitui o DNA das células e faz clones de si próprio através do seu RNA, que funciona como uma espécie de livro de instruções. O vírus não tem vida própria, mas dentro das células torna-se ativo e é levado por elas, sendo essa síndrome respiratória aguda grave (Sars) altamente contagiosa. Uma vez infectado, o nosso sistema imunitário desenvolve anticorpos e provoca reações que podem ser mais ou menos severas.

Reações e consequências

Em fevereiro-março de 2020 era preciso tomar decisões para travar a propagação do vírus. Como referido acima, os governantes dos vários países reagiram e tomaram as medidas que melhor lhes pareceram. Sem medicamentos específicos para tratar os doentes e sem vacina para criar defesas nas pessoas, “*stay home*” (fique em casa) tornou-se um *slogan* e, em muitos casos, uma obrigação. O trabalho remoto foi incentivado para contribuir para o distanciamento físico. As fronteiras entre os países foram fechadas, e os aviões ficaram em terra. Confinamento e quarentena passaram a ser

² Disponível em: <https://www.ua.pt/pt/noticias/13/62968>. Acesso em: 22 jun. 2021.

palavras muito ditas e ouvidas. Lojas, restaurantes, centros comerciais fecharam portas ou viram os seus horários reduzidos. Os doentes começaram a chegar em grandes números, as camas a faltar nos hospitais. Mais ventiladores eram necessários nos cuidados intensivos. Os profissionais de saúde pediam equipamentos de proteção. As pessoas de mais idade, fragilizadas, aguentavam menos e morriam. Nos lares de terceira idade os contágios eram muitos, as visitas proibidas e a solidão crescente. Os funerais realizavam-se apenas com a família mais chegada, para evitar contágios. Os cemitérios estavam cheios. A preocupação e o medo eram crescentes. O mundo inquietava-se e nós, humanos, sentíamos-nos impotentes para vencer tremendo perigo. Infelizmente esse cenário voltou com novas ondas e não se sabe quando irá parar.

Tomamos então consciência dos riscos e do poder da globalização, não apenas porque as viagens criam contextos de contágio, mas também porque, para alguns equipamentos, por exemplo ventiladores e máscaras, se dependia majoritariamente de um ou dois países, nomeadamente da China. A economia começou a falhar e a arrastar consigo o desemprego e a fome. As manifestações sucederam-se, umas em apoio das decisões de confinamento e outras contra essas mesmas medidas, reivindicando “deixem-nos estar abertos e trabalhar” e indignando-se contra o uso de máscaras e a falta de liberdade.

Tanto a informação quanto a desinformação eram avassaladoras no início. Em meio a notícias verdadeiras, surgiam notícias falsas (*fake news*) que alguns, menos atentos ou com menos espírito crítico, não conseguiam detectar, uma situação que, mesmo fora do âmbito da Covid-19, deve fazer os educadores pensar.

Mas nem tudo era negativo. Os cientistas puseram-se a caminho para a descoberta de uma vacina o mais depressa possível, e grandes somas de dinheiro foram disponibilizadas. Porém, a ciência precisa de tempo. No momento em que proferi a conferência, outubro de 2020, vivíamos ainda na esperança de a ter. Por incrível que pareça, o desenvolvimento da(s) vacina(s), processo que normalmente demora anos, aconteceu em menos de um ano. E assim, no início de dezembro do mesmo ano (2020), as campanhas de vacinação já estavam em andamento em alguns países.

Um pouco de humor também vem a calhar em situações difíceis. Para aliviar as tensões psicológicas que se começavam a sentir, circulavam na internet textos e figuras humorísticas como a de gatos confinados dormindo e obedecendo ao distanciamento físico ou a de um cão pastor vigiando o seu rebanho através de telas, numa situação de trabalho remoto. Num registro mais sério, os artistas juntavam-se para fazer apresentações virtuais. Pessoas e empresas reinventaram-se e passaram a produzir o que estava em falta: máscaras, viseiras e álcool em gel. Os restaurantes que tiveram de abdicar da presença dos clientes voltaram-se para a entrega de comida em *take away* (pague e leve). Num primeiro momento, parentes e amigos disponibilizavam-se para fazerem as compras dos mais idosos e grupos de solidariedade emergiam voluntariamente para prestar auxílio. Progressivamente, porém, o individua-

lismo crescia com as recomendações do distanciamento social que, na verdade, deve antes chamar-se distanciamento físico, pois hoje em dia é possível manter o distanciamento social mesmo com a presença física. Embora não seja a mesma coisa, como temos vindo a constatar, os contatos virtuais tiveram um crescimento exponencial. À medida que o tempo avançava e o individualismo crescia, alguns países ameaçaram monopolizar vacinas mesmo antes de elas existirem e tentam agora adquirir o maior número possível para si. Uma vez chegadas aos vários países, também aí se notam atropelos na sua distribuição. As pessoas olham com certo estigma para os doentes covid e mesmo para os não doentes, assistindo-se com frequência passarem para o outro lado da rua para evitar a proximidade.

As situações de confinamento e o medo que se instalou acabam gerando fortíssimas consequências econômicas e sociais, e já se percebeu que não é mais possível fechar lojas e restaurantes, fábricas e escolas. Ou seja, parar a vida em sociedade sem que essa decisão acarrete tremendas consequências. A quebra na economia trouxe desemprego, dívidas, fome, depressão. Consequentemente, o mundo não é e não será mais o mesmo.

O mundo em transformação

Conscientes do enorme impacto da pandemia no mundo, interrogamo-nos sobre o que será o futuro da sociedade: iremos progredir ou retroceder? Não sei dizer, mas de uma coisa eu sei: nada será como antes. O mundo vai mudar. Mudar para melhor ou para pior? Não sei. Mas para diferente, sem dúvida.

É opinião generalizada que alguns sinais de mudança são já perceptíveis. Além dos que já referi na seção anterior, vemos uma rápida aceleração da chamada Quarta Revolução, já em curso, dominada pela inteligência artificial e caracterizada pelo entrelaçamento das esferas digitais, físicas e biológicas. Acentua-se a digitalização, a automatização e emergem novas tecnologias a uma velocidade espantosa. Intensificam-se as comunicações *on-line* e o trabalho a distância, fecham-se balcões de atendimento presencial, disparam as compras *on-line*, as consultas em telemedicina, as aprendizagens em *blended learning*. A era do digital acelerou-se. Abre-se um mundo de contato para a humanidade, ao mesmo tempo que, nas pessoas, se acentuam os sentimentos de abandono e solidão.

Termos como nanotecnologia, inteligência artificial, internet, plataformas, drones, *robots*, nuvem, 5G, digitalização, 3-D, virtualização, asincronia e teletrabalho são hoje comuns e denotam novas realidades, novas possibilidades e novos riscos. Concomitantemente, termos como talento, criatividade, inovação, colaboração, adaptabilidade, resiliência, coragem, integração de conhecimentos, ética, autoconhecimento, autoestima, aprendizagem contínua, abertura de espírito e aprendizagem colaborativa entraram também nas nossas conversas como capacidades indispensáveis para, no mundo presente e no futuro, se sobreviver e viver com sucesso.

Na página do *World Economic Forum* (*World Economic Forum, 2020, The jobs reset summit*) podia ler-se, em 23 de outubro de 2020, que o capital humano é cada vez mais valorizado, não obstante seja

de prever que 50% dos empregadores vão acelerar os processos de automação e que, em 2025, 50% do total do trabalho será realizado por máquinas. Até esse período estima-se que surjam 97 milhões de novos empregos. As *skills* mais procurados serão um misto dos chamados “*hard*” e “*soft*” *skills* com incidência na capacidade para trabalhar com outras pessoas, para resolver problemas e para saber autogerir-se. Já se sabia que essa revolução digital iria gerar o desaparecimento de muitos empregos e até profissões, mas também o aparecimento de outros. O que não se sabia era que uma pandemia iria acelerar esse processo. Uma pesquisa pela internet sobre cenários futuros é impressionante e até mesmo inquietante. Aponta-se que 50% dos empregos nos Estados Unidos desaparecerão, grande parte do ensino será disponibilizado digitalmente, máquinas dotadas de inteligência artificial influenciarão a medicina, o direito, a interpretação literária e outras áreas. De acordo com a pesquisa do *US Department of Labour*, 65% dos jovens estudantes trabalharão em empregos que ainda nem sequer foram criados, pois a cada dia surgem empregos novos, fruto do desenvolvimento tecnológico. Por outro lado, atuais empregos continuarão a desaparecer. Talvez só os mais velhos venham a se lembrar de relojoarias, lojas de discos e toca-discos ou de profissões como alfaiates, modistas, telefonistas, datilógrafas, cobradores nos transportes públicos, escriturários, ou ainda de empregos como vendedores de enciclopédias a domicílio, guardas noturnos, bate-chapas, leiteiras, padeiras e lavadeiras. Esses e outros empregos desapareceram nos últimos 30 anos ou estão em vias de extinção. Mas hoje todos ainda sabem o que são lugares em *call-centers*, caixas de supermercados e postos de pedágios. Conhecem ainda motoristas, operadores de máquinas como tratores e escavadoras, embora também esses sejam candidatos à extinção face à expansão da inteligência artificial. Nas profissões mais intelectuais ou relacionais não é tão notório o desaparecimento de algumas, mas são bem evidentes as alterações nos modos da sua realização.

Num futuro cada vez mais próximo serão necessários mais programadores, engenheiros de robótica, especialistas em *cloud computing* e em *big data*, conceptores de projetos, gestores da inovação, de recursos, de resíduos, de operadores e de logística, técnicos de diagnóstico e de telemedicina, cuidadores de idosos, psicólogos, *personal trainers*, atendedores em *call centres*, distribuidores de refeições pré-preparadas e de compras *on-line*.

Neste mundo em aceleração, temos de aprender a conviver com a incerteza, o perigo, a resiliência, a capacidade de adaptação e a recriação. Hoje, mais do que nunca, faz sentido o acrônimo VUCA (*Volatility, Uncertainty, Complexity, Ambiguity*) inicialmente utilizado na esfera militar norte-americana e hoje absorvido pelo mundo das lideranças. Estamos perante uma nova realidade que requer nova atitude, bem como nova educação. Torna-se, assim, pertinente considerar as *skills* que os pensadores, mesmo antes da pandemia, já vinham identificando como necessárias para o século em que vivemos.

As *skills* para o século 21

Pretende-se que os cidadãos do século atual assumam um papel cada vez mais ativo na sociedade, expressem as suas opiniões, discutam políticas, coordenem esforços, requalifiquem-se, reinventem-se, adaptem-se sem se acomodarem, cuidem da sua saúde e do seu bem-estar. Para o efeito serão exigidas competências em resolução de problemas, em modalidades de colaboração e interação, em criatividade e pensamento crítico, em análise e síntese, em relacionamento de matérias de diferentes disciplinas (as habitualmente designadas por competências transversais). A página do *World Economic Forum* (2020), subordinada ao tema *5 things to know about the future of jobs*, apresentou as *skills* consideradas mais necessárias para 2025, a saber: pensamento analítico e inovação, aprendizagem ativa e estratégias de aprendizagem, resolução de problemas complexos, pensamento e análise críticos, criatividade, originalidade e iniciativa, liderança e influência social, uso da tecnologia, monitorização e controle, *design* e programação tecnológicas, resiliência, tolerância ao estresse e flexibilidade, capacidade de racionalizar e de gerar ideias. As *skills* para o século 21 que podem encontrar-se também na mesma plataforma, mas com data anterior (*World Economic Forum. New vision for education*, 2016), apresentam-se sistematizadas em três grandes grupos: 1) literacias básicas, necessárias às tarefas cotidianas; 2) competências para atuar em situações complexas e 3) qualidades de caráter influenciadoras do modo como os alunos se adaptam positivamente ao ambiente dinâmico, sempre em mudança. No primeiro grupo situam-se: letramento, numeracia, letramento científico, letramento de informática e comunicacional, letramento financeiro, letramento cultural e cívico. No segundo: pensamento crítico e resolução de problemas, criatividade, comunicação e colaboração. E no terceiro: curiosidade, iniciativa, persistência, adaptabilidade, liderança, consciência social e cultural.

A ênfase nessas competências não significa que sejam dispensáveis os conhecimentos escolares e acadêmicos mais sistematizados. Saber articular o desenvolvimento de competências disciplinares com competências transversais, e associar-lhes ainda o respeito e o cultivo dos valores que devem reger a nossa vivência em sociedade, será o segredo e o grande desafio da educação do presente e do futuro. O ensino deverá ser mais personalizado, a aprendizagem mais autodirigida, os valores mais orientados para a vivência da cidadania plena, com respeito pelos outros e pela natureza. Se posso opinar, penso que vamos ter de prestar mais atenção às qualidades de caráter que determinam o modo como as pessoas se comportam, se queremos um mundo mais humano, mais respeitador do outro e da natureza, no fundo mais educado para viver em sociedade. Essa é uma reflexão que já vinha sendo feita, mas que, também ela, assumiu uma maior centralidade no contexto pandêmico que vivemos e que nos desafia a pensar para além do cotidiano.

O impacto da covid-19 na educação

O impacto na educação foi muito grande, com reflexos nos modos de trabalho de professores e alunos e na vida das famílias. Após um primeiro tempo de surpresa e estupefação perante a novidade e complexidade do que estava acontecendo, as escolas, usando da sua margem de autonomia e no coletivo dos seus dirigentes, professores, alunos, funcionários e famílias, puseram à prova sua criatividade em resposta aos desafios que se lhes colocavam. As salas de aula foram substituídas por plataformas e tutorias virtuais, as reuniões por videoconferências, as aulas passaram a ser dadas *on-line* enquanto os edifícios das escolas permaneciam fechados. Plataformas, videoconferências, *chats*, partilha de documentos e questionários *on-line* entraram no quotidiano e passaram a ser estratégias de intercomunicação. Em alguns casos o ensino por televisão foi recuperado e recriado, ao lado das modalidades informáticas ou com o seu apoio, como aconteceu em Portugal (onde moro). Materiais pedagógicos mais ou menos inovadores foram desenvolvidos para estudo a distância ou monitorização remota. Os professores abraçaram, com maior ou menor dificuldade, as tecnologias e, nesse ponto, de certo modo, aproximaram-se de um substrato de alunos mais atualizados, os *millennials*.

Essa resposta teve consequências a nível académico, chegando a falar-se num ano escolar perdido e embora essa fosse uma avaliação demasiado pessimista, é verdade que, no regresso, alguns alunos apresentavam mais deficiências. O regresso após os novos confinamentos acentuará ainda mais as deficiências. Mas a resposta tem também consequências em nível de saúde, bem-estar, desenvolvimento social e na vida das famílias. Algumas crianças sentem de forma acentuada a falta do afeto das educadoras; outras perdem a oportunidade de ter uma nutrição adequada na escola e de estarem lá mais seguras do que em casa ou na rua, junto de alguém que cuide delas. Os adolescentes anseiam por poder voltar a estar com os seus grupos de amigos. A todos falta a interação social que contribui para o desenvolvimento humano. Os níveis de estresse e as perturbações psicológicas estão aumentando.

O vírus mudou a vida de estudantes e famílias e trouxe à luz do dia um conjunto de problemas sociais que insistíamos em não querer ver, mas que agora se tornaram tão evidentes que é impossível fingir que não existem. Alcançar o objetivo da educação para todos está agora mais longe, porque a dependência dos meios informáticos exclui muitos alunos. A solidariedade que, pelo menos num primeiro momento, se manifestou, foi bonita como gesto humano, mas uma gota de água no oceano das carências.

O que a pandemia nos evidenciou

Embora seja ainda tempo de agir para combater o perigo, é também tempo de reflexão sobre o que aconteceu e está acontecendo. A perplexidade causada pelo fechamento das escolas, as perturbações que esse fato provocou na vida das famílias e as preocupações pelas lacunas causadas por

um ano escolar atípico e desestruturado foram oportunidades para se tomar consciência do papel fundamental da escola na sociedade. A diversidade das condições de acesso a meios alternativos de aprendizagem revelou o peso dos desequilíbrios sociais e o caminho ainda a percorrer, pelos governos e pelos cidadãos, para se alcançar uma escola para todos. Revelou-se também de enorme importância o papel das famílias como *background* da escola, como colaboradores dos professores e monitores dos alunos numa interação que permitiu aos professores conhecerem melhor as famílias e a estas descobrirem quão difícil é ser professor, como tão bem acentuou uma mãe entrevistada na televisão portuguesa. Mas também nesse aspeto da colaboração entre a família e a escola se tornou evidente quão desigual é a nossa sociedade no que tange a motivações, saberes, disponibilidade e tempo para ajudar os filhos.

Ao destacarmos a colaboração não podemos esquecer uma rede mais vasta de colaboração que, em muitos casos, se estabeleceu, envolvendo os municípios e outros poderes locais, bem assim como instituições de solidariedade social, tornando bem patente a riqueza da colaboração institucional.

Deixei para último aquilo que, para mim, constituiu a maior surpresa. Refiro-me à capacidade de adaptação e recriação que os professores demonstraram com um enorme sentido de responsabilidade profissional e social, com a demonstração de que é possível e desejável trabalhar em equipe e com a consciência de que a relação humana é fundamental no contexto educativo, sabendo que os avanços tecnológicos, por melhores que sejam, não conseguem substituir a pessoalidade da relação direta. Como ressaltava uma professora, “estar atrás de uma tela não é a mesma coisa que ter uma turma na nossa presença, não se vê se os alunos estão compreendendo ou não”. Um período longo sem aulas presenciais revelou o que já pensávamos: nada substitui a escola, nem a interação presencial com colegas e professores, mas revelou também que as ferramentas digitais de que hoje dispomos são uma ajuda inestimável. Entre as suas vantagens, relatadas por alunos entrevistados, conta-se a possibilidade de aprender ao ritmo de cada um, em qualquer tempo e em qualquer lugar, de revisar assuntos e tornar a ver a matéria, de não ser distraído pelos colegas na turma, de sair da sua área de conforto e de ter novas perspetivas e desafios.

Existem também desvantagens, reconhecem os alunos, entre as quais o domínio da preguiça sob a obrigação, a desmotivação, a falta de disciplina, o desleixo, a falta de ajuda dos professores ou dos colegas, a vergonha de não se ter nem os recursos nem a logística familiar necessários ou de não saber utilizá-los. Da parte dos professores é salientado o tempo que se perde com as questões técnicas e de gestão dos processos. Em suma, é opinião generalizada de que a opção pelo ensino a distância foi a opção possível e acertada, mas que o ensino presencial tem mais vantagens e, no caso das disciplinas de caráter prático e laboratorial, é mesmo fundamental. Por tudo isso, logo que possível, após a primeira onda, as escolas reabriram tendo que alterar modos de funcionamento de turmas e horários e hábitos de convivência para assegurar o necessário distanciamento físico.

A educação depois da covid-19: o que a sociedade pede à escola e aos professores

Inicialmente, a sociedade nos pediu que voltássemos a abrir as escolas e pede-nos de novo, consciente da importância da escola na sociedade. Pede-nos que o façamos em segurança, seguindo as indicações das autoridades sanitárias, o que levou a um grande esforço de reorganização de turmas e espaços, monitorização do cumprimento das regras sanitárias, como o uso de máscara por todos, a fim de evitar infeções. Pede-nos que não deixemos ninguém para trás e nos aproximemos, o máximo possível, da concretização do grande objetivo que é a educação universal. Importa, pois, explorar como nos aproximamos desse objetivo num tempo que será de rápidas mudanças.

Solicita-nos que tenhamos atenção às diferenças individuais e sociais. Espera de nós que não cruzemos os braços, que pensemos criativamente e ajamos em conformidade. Espera que eduquemos os nossos alunos com perspectivas de futuro, de um futuro que já se vinha desenhando, mas que com a pandemia se precipitou. Temos de nos interrogar se estamos preparando os alunos para a era da inteligência artificial, da robótica, da biotecnologia, da energia limpa, mas também se estamos preparando-os para compreenderem o mundo, o ser humano, o meio ambiente, o bem-estar, para se envolverem em prol da sustentabilidade e para responderem aos três desafios identificados no projeto da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE) intitulado *Education 2030*, a saber: ambientais, económicos e sociais (OECD, 2018).

Será que a escola está preparada para cumprir esse objetivo? Estão os professores preparados? Está a própria sociedade preparada, uma vez que a escola é parte da sociedade e a escola e a sociedade devem dar as mãos e trabalhar em conjunto?

No período pós-pandémico torna-se essencial a adaptabilidade, ou seja, a capacidade de nos adaptarmos, rapidamente e sem estresse, às novas realidades, sempre em movimento, no sentido de conjugação de forças e não de rejeição ao novo, mesmo que o novo seja desagradável, perigoso e indesejado. Temos de aprender a transformar os perigos em oportunidades e os riscos em desafios. No período pós-pandémico (e, eu diria, também em outros) precisamos continuar a aprender a trabalhar para conseguirmos articular o ensino presencial com o ensino a distância, aproveitando deste as suas ricas potencialidades, mas sem perder a dimensão interpessoal, afetiva, que se revelou tão significativa. Em 15 de abril de 2020, Stefania Giannini, a mais alta responsável das Nações Unidas para a Educação, afirmava, em entrevista à *TSF* (uma rádio portuguesa) que vivíamos um paradoxo na educação, pois “quanto mais somos obrigados a nos mudar das salas de aulas tradicionais para salas virtuais, mais importante se torna centrar-nos no lado humano, no bem-estar, nas necessidades emocionais e sociais”. Será que vamos conseguir recriar manifestações de afeto capazes de suprir a falta dos beijos e abraços e ajudar na diminuição dos níveis de estresse, medo e ansiedade?

Ficou também evidente, nesse período, que alguns alunos se desenvolveram até pela autonomia e responsabilização crescentes, enquanto que outros se intimidaram e isolaram. Atenção à diversidade e apoios diferenciados são desafios a encarar. Nessa linha de ação inclui-se, insisto, uma maior articulação entre a escola e a família como dois polos educativos complementares sustentados pelos poderes locais.

E o que dizer da instituição escola e da gestão do sistema educativo? Verifiquei que as iniciativas positivas partiram das escolas que agiram no coletivo dos seus membros e dentro das margens de liberdade da sua autonomia, o que reforçou a minha convicção de que nos são úteis políticas públicas não limitadoras que concedam alguma margem de liberdade e até incentivo às iniciativas locais, contextualizadas, sem, contudo, esquecer a necessidade da sua monitorização.

No sobressaltado ano letivo de 2019-2020, muitos professores manifestaram preocupações com o fato de não conseguirem cumprir os programas. Essa preocupação justifica-se, e há que pensar sobre o assunto. Talvez seja o momento de se fazer uma reflexão profunda sobre programas e currículos, e a questão a colocar é muito simples: que conteúdos e competências são essenciais? Quem dera a resposta fosse igualmente simples. Não é, como todos sabemos. Mas isso não pode nos impedir de nos debruçarmos sobre o problema. E sempre com a consciência da missão da escola: ensinar a todos sem deixar ninguém para trás.

No processo de reorganização curricular e programática estão normalmente envolvidos vários agentes políticos e pesquisadores da educação. Mas nunca podemos esquecer o papel ativo e determinante dos professores na execução do currículo, e seria até bom que a voz deles pudesse ser ouvida na fase da sua elaboração.

Mencionei acima o projeto *Education 2030* da OCDE (OECD, 2018) e retomo-o agora porque nele encontrei algumas ideias que podem servir de referentes para repensar currículos e programas. Contra a ideia de “mais horas de ensino/aprendizagem”, o grupo advoga “melhor qualidade de ensino/aprendizagem”, melhor articulação entre elaboração dos currículos e sua implementação, alinhamento entre planificações e concretizações, boa seleção de conteúdos com incidência sobre os conceitos nucleares de cada disciplina, mudanças sociais, atenção às situações econômicas e tecnológicas que possibilitem a igualdade de oportunidades.

Ao terminar esta seção e me encaminhar para a conclusão deste texto, enfatizo que ser professor é desafiador e ser professor neste tempo pós-pandêmico é extremamente desafiador. Exige muita observação, muita escuta, muito pensamento, muita criatividade e novas formas de relacionamento, mas também muita coragem, muita paciência muita resiliência e apoio da sociedade, com especial atenção dos pais e dos políticos.

Interroguei-me acima sobre o que a sociedade *pede* aos professores e à escola. Interrogo-me agora sobre o que a sociedade *deve* aos professores e à escola neste período pós-pandêmico. E a minha resposta é bem simples: deve respeito pelos professores, carinho pela escola, apoio e colaboração.

Considerações finais

Acredito que três palavras (além de outras, claro) irão dominar a nossa linguagem nos tempos mais próximos: pandemia, adaptabilidade e solidariedade. Pouco tempo antes de preparar a minha apresentação para o congresso, o papa Francisco divulgou a sua nova encíclica, *Fratelli Tutti*, com o subtítulo: Sobre a fraternidade e a amizade social. Nas seguintes palavras, expressou o seu objetivo: “Entrego esta encíclica social como humilde contribuição para a reflexão, a fim de que, perante as várias formas atuais de eliminar ou ignorar os outros, sejamos capazes de reagir com um novo sonho de fraternidade e amizade social que não se limite a palavras.” E acrescentava: “Precisamos de nos construir como um ‘nós’ que habita a casa comum de todos.”

Referências

- FERNANDES, C. F. Covid-19 para os pequeninos e... porque não... também para os graúdos? **Theoria, poiesis, praxis**, Universidade de Aveiro, 2019. Disponível em: <https://bit.ly/3gPhMn3>. Acesso em: 05 abr. 2020.
- OECD. **The future we want**. The future of education and skills – Education 2030. 2018. Disponível em: <https://bit.ly/2SK7f4K>. Acesso em: 07 jan. 2021.
- PAPA FRANCISCO. **Carta encíclica Fratelli Tutti do Santo Padre Francisco sobre a fraternidade e a amizade social**. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3gOfS6i>. Acesso em: 15 jan. 2021.
- UNESCO. **Educação: da interrupção à recuperação**. Disponível em: <https://bit.ly/3d0X0zT>. Acesso em: 18 out. 2020.
- WORLD ECONOMIC FORUM. **New vision for education: what are the 21st-century skills every student needs**. 2016. Disponível em: <https://bit.ly/2UpOcgR>. Acesso em: 21 dez. 2020.
- WORLD ECONOMIC FORUM. **5 things to know about the future of jobs**. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3iYSQfK>. Acesso em 20 dez. 2020.
- WORLD ECONOMIC FORUM. **The jobs reset summit 2020**. Disponível em: <https://bit.ly/3iYMGfy>. Acesso em 24 out. 2020.